

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



D. ANTONIO BENTO MARTINS
NOVO BISPO DE BRAGANÇA

Braga, 11 de Agosto de 1928

NUMERO 334 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

**Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços**



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª D.ª

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS

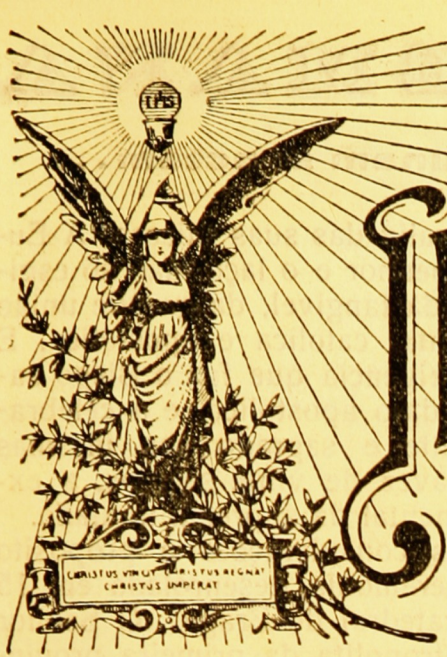


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

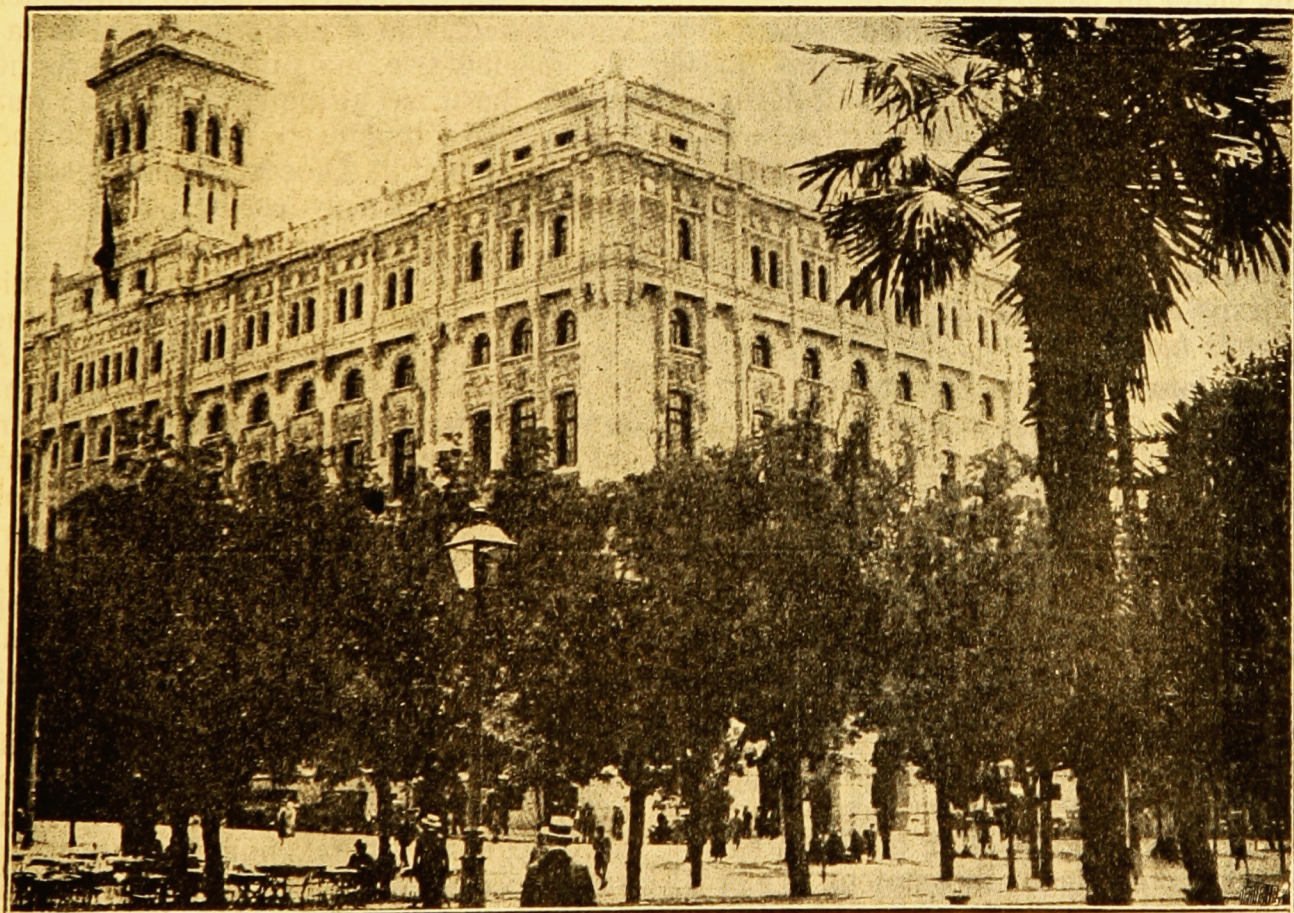
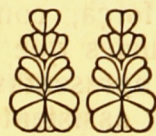
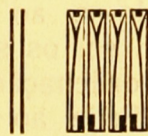
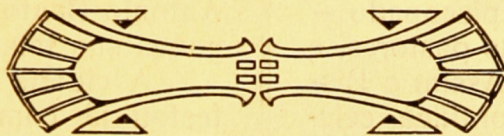
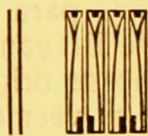
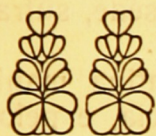
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

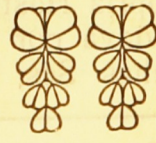
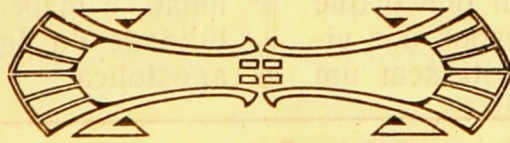
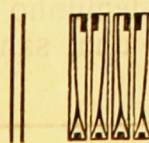
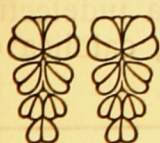
Braga, 11 de Agosto de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 334



EM HESPAÑA — O novo edificio do Ministerio da Marinha construído no Salão de Prado em frente ao Banco de Espanha e continuação do Palacio das Comunicações, que foi inaugurado com assistencia do Chefe do Governo, Ministros e auctoridades.



— Tendes mandato apostolico?

E' com estas palavras que o Arcebispo SAGRANTE responde ao pedido que em nome da Igreja lhe formula outro seu colega no Episcopado, para que eleve à comum dignidade aquele presbitero eleito.

— Tendes mandato apostolico?

Requeria antiga disciplina a eleição popular, era o povo cristão em epochas de mais ardente fé, quem escolhia os ministros da hierarquia, e até os mais elevados em dignidade. E se hoje, pelo decaimento do primitivo fervor, e para evitar tumultuarem paixões terrenas em assunto tão grave e importante, suprimiu essa eleição a prudencia da Igreja, formulas e actos recordam a primeva disciplina, quando os recém-batisados povos cristãos escolhiam — às vezes até à força, compelindo-os ao Episcopado — aqueles que deviam ser os seus pastores, e os apresentavam à ordenação. Assim o Bispo assistente se dirige ao Pontifice celebrante: — A Santa Igreja vos pede que eleveis este eleito ao cargo episcopal.

— Tendes mandato apostolico?

E' que não basta o aprazimento do corpo sacerdotal e da plebe santa de Deus interessados na criação de novo Prelado: é mister garantir a transmissão dos poderes, continuada desde o Colegio dos Apostolos e confirmada pelo Principe de todos eles, o Bemaventurado Pedro a quem foi incumbido por Jesus esse dominio superior: — *Confirma fratres tuos.*

O mandato apostolico garante essa permanencia, esse character sublime da Igreja, una, santa, catolica e apostolica.

Sem ele, ainda que por continuada transmissão, fosse valida a consagração — como succede entre os scismaticos — perder-se hia o character de unidade que é a tunica inconsutil da Esposa do Cordeiro.

E' o Papa uma efusão do Sangue de Jesus, Ele é a pedra inamovivel e fundamental do edificio da Igreja: do seu poder dimana todo o poder eclesiastico: a sua comunhão é a característica de toda a liturgia; celebrar sem o Papa seria fazer um sacrificio apenas mediado, incompleto, e por isso o nosso Canon afirma a comunhão com Ele, *una cum Papa nostro*, e por isso dizia Evodio que não o invocar seria oferecer *semples hostias*.

Nos primeiros seculos o Papa tirava da propria Hostia que oferecia um pouco que enviava por um acolito aos Bispos das visinhas Sés, para que estes deitassem um

fragmento no calix das suas missas. A Eucaristia era o penhor e o laço, não só espiritual, mas ainda tangivel, da grande união cristã, una, santa, catolica e apostolica. E hoje ainda a exigencia que faz o Bispo sagrante do Mandato apostolico, e a celebração de sagrante e sagrado nas mesmas oblatas, é, atravez de vinte seculos, a expressão sacramental da suprema unidade.

Vem estas considerações a proposito da suprema cerimonia desenrolada em 15 de agosto na cathedral de Braga. O Senhor Arcebispo, metropolitano da primeira provincia eclesiastica, assistido de dois illustres sufraganeos, o de Vila Real, decorado com titulo arqui episcopal e o coadjutor de Lamego, elevou ao supremo grau da Ordem, e complemento de todos os outros graus, D. Antonio Bento Martins, para a séde, sufraganea sua tambem, de Bragança.

A cidade e a diocese brigantina manifestou já com toda a veemencia, e pelos seus mais lidimos representantes da ordem eclesiastica e da civil, quanto aprazimento votava à eleição a ponto de que a fazia liberrimamente se, mais do que um reconhecimento, lhe fosse attribuida a escolha: quando o Bispo repetiu o ritual pedido, pôde falar em nome da Diocese, bem conscio de que repetia um seu desejo.

— Tendes mandato apostolico?

Por certo que sim! Roma teve sciencia certa e conhecimento claro das virtudes eminentes e qualidades excelsas de D. Antonio Bento Martins, e chamou-o mais alto, à missão apostolica da mais elevada hierarquia. Assim se perpetua no mundo, atravez das idades, sem limitações de espaço, a missão dos Apostolos, e a vida da Igreja...

Quando em 15 de agosto deste ano de 1928 o Senhor Arcebispo Primás viu ajoelhado a seus pés o seu antigo secretario, agora seu Colega, deve ter-se lembrado certamente da manhã de 15 de Agosto de 1899, quando ele, então simples presbitero se ajoelhara aos pés de outro sagrante, e exhibia o mandato apostolico com que subiu ao Colegio Episcopal, numa scena grandiosa como esta, que se repete, em dia de Santa Maria, com o intervalo de 29 anos.

Que seja glorioso como o seu episcopado, o regimen do Bispo que ungiram agora as suas mãos, e que recebendo da cathedra romana, por elas, o simbolo sagrado da união, é mais um testemunho da indefectibilidade da Igreja — una, santa, catolica e apostolica.

NO SAMEIRO

UMA PEREGRINAÇÃO QUE SE
: : : : TORNOU NOTAVEL : : : :

No dia 5 do corrente, os povos das freguezias do Arciprestado de Vila Verde, foram, em peregrinação numerosissima, ao Sameiro.

O dia, esplendido como se apresentou, deu ensejo a que essa peregrinação tivesse um grande esplendor e entusiasmo.

Tomou parte na peregrinação que se organizou no Bom Jesus do Monte, 109 bandeiras, de outras tantas corporações daquele Arciprestado.

Calcula-se em 10.000 o numero de pessoas que tomaram parte na mesma peregrinação.

No Sameiro, houve missa campal, e sermão. Orou o rev. Jeremias Cezar Rodrigues Peixoto.

Houve, depois, a procissão do SS. Sacramento,

que terminou, pela benção aos doentes.

Tornou-se notavel esta peregrinação, por um acontecimento que passamos a relatar:

A sr.^a D. Maria do Rosario Coelho, solteira, de 31 anos, da freguezia das Duas Igrejas, concelho de Vila Verde, estava inscrita como doente, com o n.^o 1 de matricula.

Há 17 anos que se encontrava paralitica, tendo tolhidos todos os movimentos, e não podendo segurar a cabeça.

Foi tratada por varios medicos, entre os quais, há 15 anos, pelo sr. dr. Candido Bacelar, e ultimamente pelo sr. dr. Faria.

O seu estado continuava cada vez mais agudo, quando era preciso tocalle em qualquer parte do corpo.

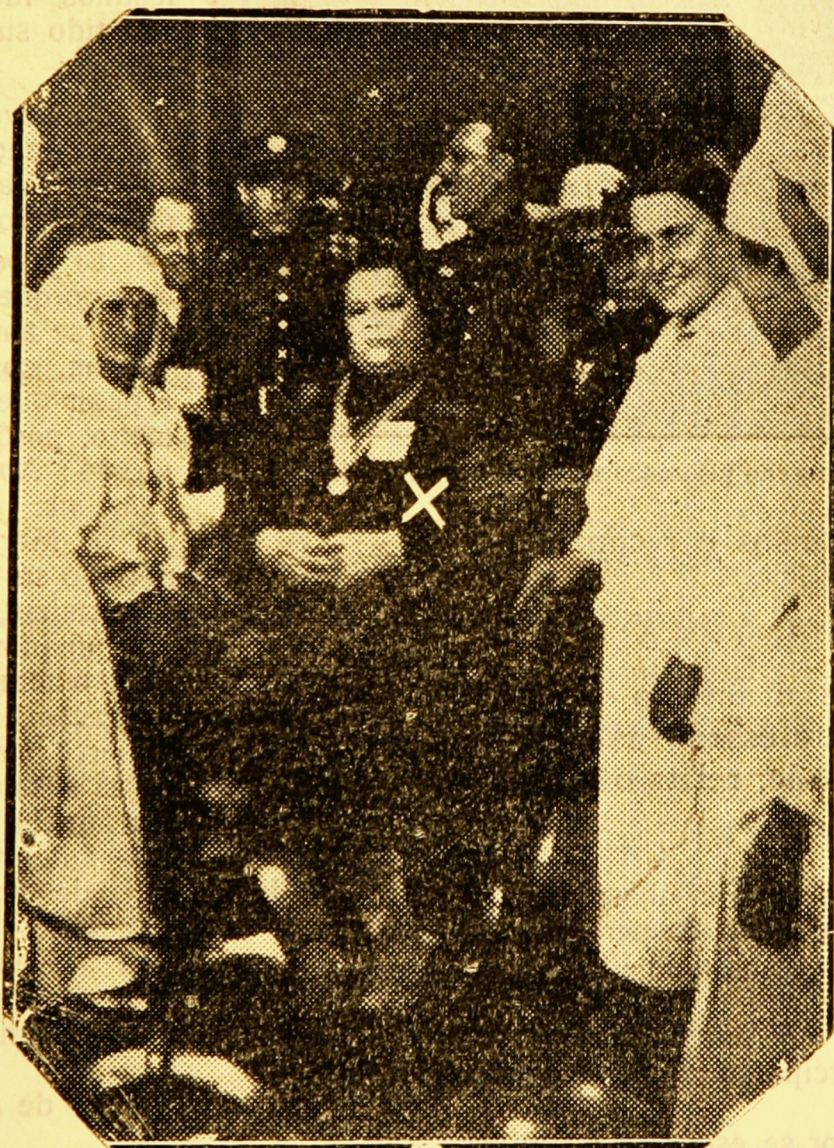
Vivia, porém, resignada com a sua sorte, tendo sempre a esperança de que Nossa Senhora a havia de curar.

Quando foi anunciada a Peregrinação da sua terra, a pobre doente resolveu tomar parte nela, embora lhe custasse muito ser transportada ao Sameiro.

A sua fé, porém, era intensa, e assim lá se encontrava estendida numa maca, entre os doentinhos.

A enferma é uma senhora cheia, pesada.

Depois da benção do Santissimo Sacramento, quando chegou à casa dos doentes, pediu para se sentar! Logo começou a movimentar os braços, as



A Snr.^a D. Maria do Rosario Coelho.

pernas e a cabeça, desaparecendo-lhe as dôres do corpo e da espinha.

Começa o alvoroço, a alegria das «Auxiliadoras de Maria», dos medicos, de todos, emfim, sendo preciso meter-lhe a comida na boca, com todo o cuidado, e agora a veem alimentar-se com



ESPOSENDE — Um trecho pitoresco no lugar da Barca do Lago.

as suas proprias mãos e recuperar os movimentos.

*

Ainda sobre o mesmo assunto, que tanto tem interessado as pessoas piedosas desta cidade, relata o «Diario do Minho»:

«O facto extraordinario, observado domingo no Sameiro, quando da peregrinação que ali veio do arceprelado de Vila Verde, tem merecido as atenções do nosso presado e velho amigo Snr. P.^o Antonio José Rodrigues, dignissimo Arcipreste e abade daquela vila.

Para que melhor se esclareça aos olhos de todos o inexplicavel acontecimento, que só as luzes da fé no-lo deixam apreciar em toda a sua grandeza, procedeu o Sr. Arcipreste a um inquerito, por intermedio do Rev. P.^o Antonio José Cerqueira, digno pároco da fréguesia de Duas Igrejas, residencia da doente, apurando o seguinte:

1) Há 13 anos que D. Maria do Rosario Coelho Ferreira, de 31 anos de idade, natural e residente nesta freguezia de Duas Igrejas, do arceprelado de Vila Verde, estava entrevada e sem movimento ou acção alguma no corpo;

2) Estava doente há 18 anos e desde que ficou entrevada, não saíu mais da cama por si, nem comia por suas mãos, sofrendo grandes dores quando a obrigavam a qualquer movimento;

3) Desde domingo que já se sustenta de pé, por alguns momentos, sósinha, e por muito tempo, sendo amparada;

4) Dorme muito bem, come regularmente e não sente dôres algumas;

5) Já consegue ajoelhar-se, e passa muito tempo sentada sem que se sinta cansada;

6) Não tem febre, os intestinos funcionam bem, não tem tido suores nem dôres de cabeça;

7) Teve sempre uma grande resignação na doença que há tantos anos a afligia e era muito devota da SS. Virgem;

8) Já quiz ir a Lourdes, mas porque as pessoas de familia se amedrontavam com a viagem, começou ultimamente a pedir que a levassem ao Sameiro, porque, dizia com convicção: *Nossa Senhora, há-de curar-me.*

A casa de D. Maria do Rosario, tem ido muita gente, não só da freguesia, como das freguesias vizinhas, e todos os que a conheceram, são unanimes em constatar o extraordinario da mudança que se operou nela, rendendo graças à SS. Virgem do Sameiro por esta mercê para com a sua devota.

Com todas as pessoas, fala e narra como se produziu aquela mudança que atribui a *um grande milagre*, de sua SS. Mãe, ouvindo-a depois de tantos anos de sofrimento.

Roga agora a Deus mais força para poder voltar, por si só, ao Sameiro, afim de agradecer a Nossa Senhora a grande graça obtida.

Duas Igrejas, 7 de Agosto, de 1928.

P.^o José Antonio Cerqueira.

PENSAMENTOS

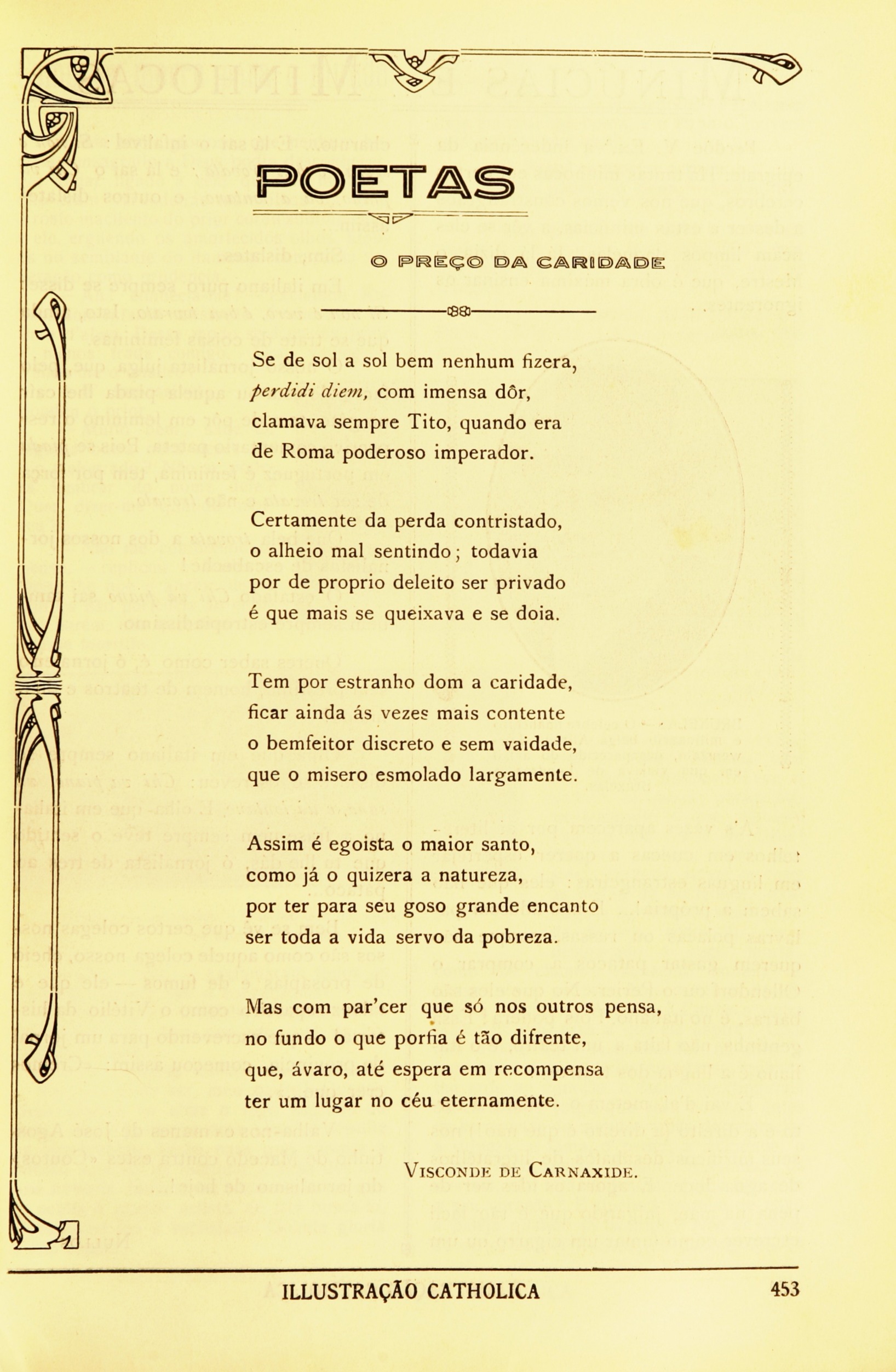
Não há cadeados, guardas nem fechaduras, que melhor guardem uma donzela, do que o recato proprio. (Cervantes).

*

Não percas o tempo em coisas frívolas: o sábio é economico do tempo e das palavras.

*

Talento sem virtude é flôr sem fruto.



POETAS

O PREÇO DA CARIDADE

Se de sol a sol bem nenhum fizera,
perdidi diem, com imensa dôr,
clamava sempre Tito, quando era
de Roma poderoso imperador.

Certamente da perda contristado,
o alheio mal sentindo; todavia
por de proprio deleito ser privado
é que mais se queixava e se doia.

Tem por estranho dom a caridade,
ficar ainda ás vezes mais contente
o bemfeitor discreto e sem vaidade,
que o misero esmolado largamente.

Assim é egoista o maior santo,
como já o quizera a natureza,
por ter para seu goso grande encanto
ser toda a vida servo da pobreza.

Mas com par'cer que só nos outros pensa,
no fundo o que porfia é tão diferente,
que, ávaro, até espera em recompensa
ter um lugar no céu eternamente.

VISCONDE DE CARNAXIDE.

MINÚCIAS E... MINHOCAS

Perdôe V. Ex.^a a indecência da epigrafe. Ha tantas minhocas em certos cerebros, que nos vemos constringidos a descer a estas minúcias, a vêr se eles ficam limpos daquelas. Já lá dizia o Mestre, que é obra máxima ensinar os ignorantes...



BRUXELAS — O celebre financeiro e milionario belga Alfredo Loewenstein, desaparecido do avião em que viajava de Londres a Bruxelas.

A's vezes aparecem por aí literatelhos em cuecas a querer espertear em linguas estrangeiras: eles que não sabem a própria!... E não adusem palavras polacas ou russas, porque não querem gastar patacos a comprar o Ollendorf ou o Perier. No que eles são barras, é no italiano. Pois podera! Essa genticinha não falta a um teatro, e o italiano é a lingua dos teatros...

E vai d'aí, metem o italiano a torto e a direito (a direito é que não!) nos seus mirificos desabafos de literatelhos de agua-doce. E agora os ides ver de pena na mão, julgando que é tão facil escrever como fumar um cigarro ou um

charuto... E lá sai o infalivel: *Si non e creva, é ben trovata*; e lá sai o *Chi va piano, va a lontano*, e outros dislates assim...

Sim, dislates.

Em ifaliano puro sempre se disse: *Si non é vero, é ben tovrato*. Isto, ainda que se trate de coisas femininas.

O nosso jornalista julga que, pelo facto de esta ou aquela piada lhe cair no gôto, tem de pôr em feminino o respectivo comentario pateta. Pois se *piada* em portuguez é feminina, tem por força de ser *trovata* e não *trovato*.

Que bela *trovata* a dos nossos jornalistas de escabeche!

O estafado *Chi va piano* sai tambem sempre estropiadissimo.

Queres saber como é, ó jornaleiro sem prestimo, homem de teatros e de... fumos?

Olha que em italiano sempre se disse e se oscreveu: *Chi va piano, va sano, e ua lontano*. E olha que em italiano a frase nem sempre teve o sentido que tu lhe dás, ó jornalista de tres ao pataco...

Bem se vê que certos colegas nossos são como aquele colega nosso, cheio de prosapias e de fumos — ele que é talvez sapateiro como o Vitélio da historia! — que escrevendo para um jornal de provincia, começou assim: «Cremos crer que...».

Valha-nos os manes de José Agostinho de Macedo contra estes «Coutos» do jornalismo de hoje!...

NULLOS

Como se morre para o mundo

(CONCLUSÃO)

A este nome glorioso, que nenhum homem consagrado a Deus podia desconhecer, por andar ligado a cem quadros místicos, que eram verdadeiras maravilhas da arte, o rosto macilento do prior còrou subitamente, e ele, erguendo os amortecidos olhos, fitou-os no semblante do flamengo com tanta veneração como prudência.

— Ah! conhecia-me! — exclamou Rubens com infantil satisfação. Avalio-o do intimo d'alma. Desse modo será menos prior e menos frade comigo. Ora, vamos... Vende-me o quadro?

— E' impossível; — respondeu o prior.

— Muito bem; sabe de alguma outra obra desse genio malogrado? Não se poderá lembrar do nome dele? Quer dizer-me quando morreu?

— Não me compreendeu, penso, — replicou o frade. — Disse-lhe que o auctor dessa pintura não pertencia ao mundo; porém, não quiz dizer que tivesse morrido.



O piloto Dremenstein — O avião que lhe causou a morte na saída de Croydon.

— Vive! vive! — exclamaram todos os pintores. — Faça que o conheçamos!

— Para que? O infeliz renunciou tudo da terra; nada tem que ver com os homens... Nada!

— Oh! — disse Rubens com exaltação — isso não pode ser, meu padre! Quando Deus acende na alma o fogo sagrado do genio, não é para que essa alma se sepulte na obscuridade, senão para que cumpra a missão sublime de iluminar a alma dos outros homens. Indique-me o convento em que se oculta o grande artista, eu irei busca-lo, e restituil-o hei á sociedade. Quanta gloria o não espera!

— Mas... se ele a recusar? — perguntou o prior.

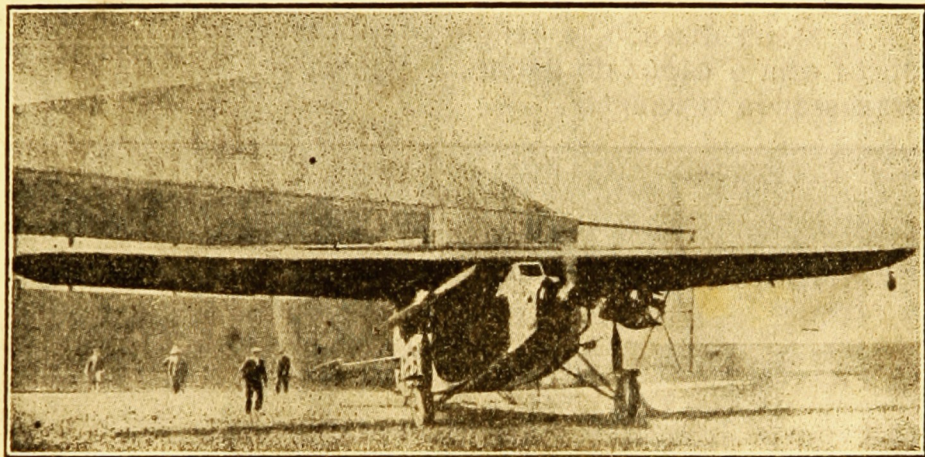
— Se a recusar suplicarei ao Papa, com cuja amizade me honra, e o Papa o convencerá melhor que eu.

— O Papa! — repetiu o prior.

— Sim, padre; o papa, — tornou Rubens.

— Veja que não lhe diria o nome do pintor, ainda que me lembrasse dele; veja que não lhe direi o convento em que se refugiou.

— Não tem duvida, padre; o Rei e o Papa o obrigarão a dizer — respondeu Rubens grosseiramente.



Um dos aviões tipo «Fokker» da propriedade Loewenstein, e que o utilisava em suas viagens rápidas de negócios.

— Não faça tal! — exclamou o frade. Andaria bem mal, senhor Rubens! Leve o quadro, se quizer; porém deixe tranquilo o que repousa. Falo-lhe em nome de Deus! Sim, eu conheci, amei, consolei, resgatei, salvei de entre as ondas da sociedade, naufrago e agonisante, esse grande homem, como diz, esse desgraçado e cego mortal,

como lhe chamo; esquecido hontem de Deus e de si proprio, hoje proximo da suprema felicidade. A gloria! Conhece outra maior do que essa a que ele aspira? Com que direito quer resuscitar-lhe na alma o fogo fatuo das vaidades mundanas, quando lhe arde no coração o facho inextinguivel da caridade? Julga que esse homem, antes de se apartar do mundo, antes de renunciar a riqueza, a fama, o poder, a mocidade, o amor, tudo, enfim, quanto desvanece os mortais, não terá sustentado grave luta com o seu coração? E quererá trazel-o de novo á peleja quando já triunfou? Não advinha, de certo, senhor Rubens, os desenganos, os

pezares, as amarguras que lhe acarretaria o conhecimento da verdade das coisas humanas?

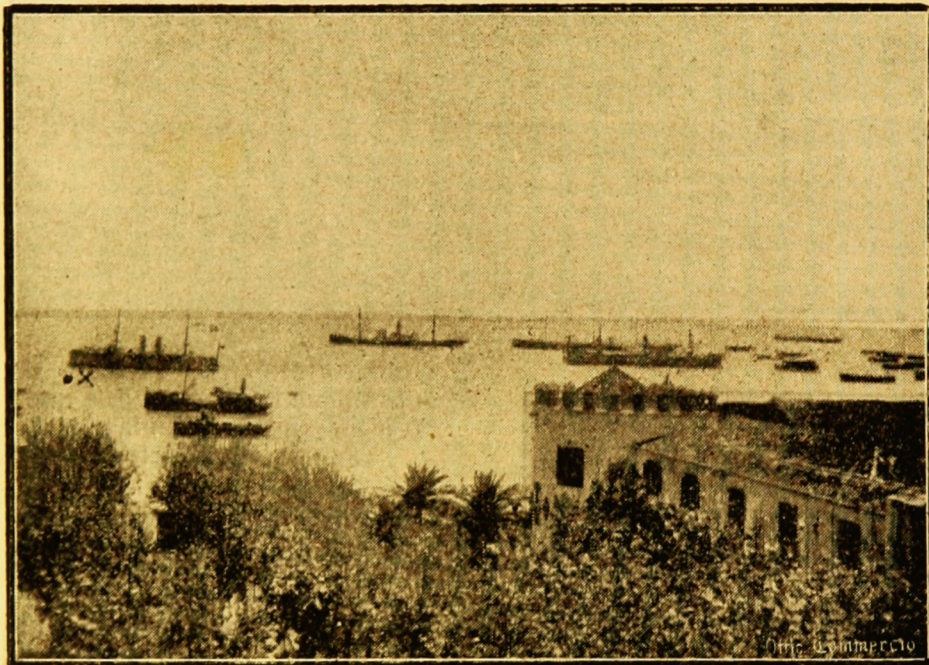
— Isso é renunciar a immortalidade! — gritou Rubens.

— Não, é aspirar a ela.

— E com que direito se interpõe entre esse homem e o mundo? Deixe que lhe fale, e ele decidirá.

— Faço-o com o direito de um irmão primogenito, de um mestre, de um pai, que tudo isto sou para ele. Faço-o em nome de Deus, torno a dizer-lhe. Respeite-o para socego de sua consciencia.

E assim dizendo, o religioso cobriu a cabeça com o capuz do habito, e afastou-se atravessando o templo.



ILHA DA MADEIRA — FUNCHAL — Por ocasião da visita do Courrçado «Vasco da Gama».

(Fot. Amador Humberto Lima)

— Vamos. — disse Rubens. — Sei o que me resta fazer.

— Mestre, — exclamou um dos discipulos que durante a anterior pratica estivera olhando ora para o religioso ora para o quadro; — não julga que esse velho frade se parece muito com o mancebo que vemos moribundo no quadro?

— E é verdade! — proromperam todos.

— Tirem-lhe as rugas e as barbas brancas, somem os trinta anos que manifesta a pintura, e resultará que o mestre tinha razão quando afirmou, que o religioso morto era ao mesmo tempo retrato e obra de um religioso vivo. Condene-me Deus, se esse religioso vivo não é o padre prior.

III

Rubens, sombrio, envergonhado e profundamente enternecido, viu afastar-se o ancião, que o saudou cruzando os braços no peito antes de desaparecer.

— *E' ele...* sim... — balbuciou o artista. — Vamos! acrescentou, com enfase, voltando-se para os discipulos. Esse homem tinha razão. A gloria dele vale mais que a minha, porque não é efemera e vã. Deixemol-o morrer em paz!

E dirigindo um ultimo olhar ao quadro que tanto o surpreendera, saiu do convento e dirigiu-se ao Paço, onde Suas Magestades Católicas, segundo o costume, como é notorio, honravam o famoso pintor recebendo-o á sua meza.

Tres dias depois, voltou em busca do quadro, com o intuito de tirar uma copia, mas já lá o não achou.

Em compensação, viu que se estava celebrando uma missa de *requiem*.

Aproximou-se para observar o semblante do defuncto, que estava de corpo presente no meio da igreja, e viu com admiração e sentimento que era o do padre prior.

— Grande pintor era! — disse Rubens. — E agora ainda tem maior parecença com o retrato, que o do quadro era, com efeito, dele. Esvaiceu-se mais uma esperança para mim; talvez que para ele fosse grande felicidade. Deixou de pa-decer.

O mundo é assim!

DITOS A TEMPO

Preparavam-se os cirurgiões para fazer a operação dum cancro que S. José de Leonissa tinha no peito, e temendo algum dos assistente que a força das dores o obrigasse a fazer algum movimento que podesse obstar ao bom resultado da operação, propoz que o ligassem; porém o santo, mostrando o crucifixo que tinha na mão: — Eis aqui, diz ele, o mais forte de todos os laços; ele me conservará imovel, melhor que todas as cordas.

PEREGRINAÇÃO ANTONIANA A LISBOA

No passado mez, constituiu-se um enorme numero de catolicos do norte, que, saíndo do Porto, foi, em peregrinação, em comboio especial, à cidade de Lisboa, e se dirigiu à histori-

O Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarca, recebeu no seu Paço os peregrinos com muito carinho e lhes rogou que voltassem, para o ano.

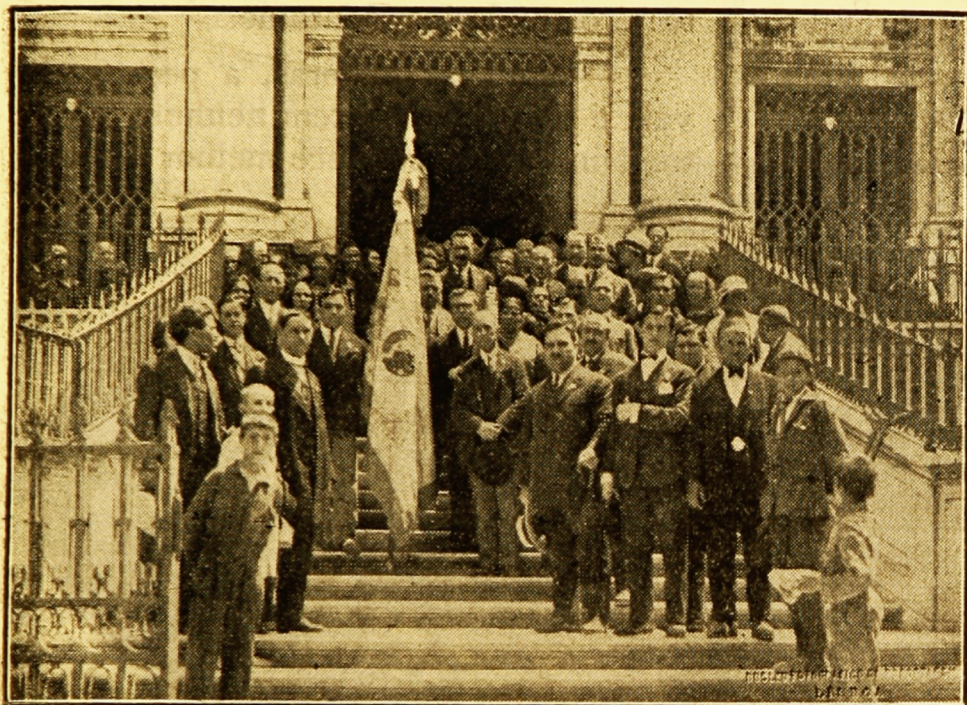
Espera-se que, no ano proximo, a nova peregrinação seja mais numerosa.

Desta vez, a maior parte dos peregrinos, eram da cidade do Porto.

Desta cidade, foram, tambem, alguns catolicos.

*

Os peregrinos, ofereceram varias esmolas para a conservação do culto na historica Capela de Santo Antonio de Lisboa.



Os peregrinos saindo da Igreja de Santo Antonio, no fim da missa solene.

ca capela de Santo Antonio, onde promoveu varios actos religiosos em honra do grande Bem-aventurado Portuguez.

Os peregrinos tiveram uma affectuosa recepção na *gare* do Rocio, que lhes foi prestada pelos catolicos de Lisboa, e representante do Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarca. Todos os peregrinos colheram a melhor impressão da sua piedosa romagem.



Um grupo de peregrinos junto ao Paço Patriarcal, após a visita a Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarca.

O apito no teatro

Ha poucos anos, as auctoridades administrativas de uma grande cidade do sul da França vedaram os apupos no teatro. Não sómente era prohibido asso-biar, como fazer qualquer manifestação hostil, tais como «reflexões em voz alta, aplausos provocadores, bocejos ruidosos».

Essa determinação causou certa surpresa em Paris, porquanto na grande capital desde muito se não usava mais desse direito.

Os parisienses têm-se tornado, de facto, com relação aos artistas, muito mais indulgentes do que eram os seus antepassados, que com extrema facilidade pateavam os comediantes.

O emprego do apito data do tempo de Luiz XIV.

Foi na representação de uma comedia de Thomaz Corneille que o publico, pela primeira vez, se utilisou desse instrumento para indicar, um tanto rumorosamente, a sua opinião. Assim afirma Victor Fournel. Mas, por outro lado, um epigrama de Racine nos diz:

*Mais quand sifflets prirent commencement,
C'est (j'y jouais, j'en suis témoin fidèle),
C'est à l'Aspar du sieur de Fontenelle.*

O apito teve, desde então, grande successo. Tornou-se mesmo de tal modo indiscreto que, em 1690, foi prohibido o seu emprego, o que se deu depois da primeira representação de uma opera de Colasse, que havia sido fortemente apupada.

A esse Colasse coube, entretanto, a honra de pôr em musica o unico libreto de La Fontaine que foi represen-

tado. A opera, que se chamava *Astrée*, não agradou.

La Fontaine assistia á *primière*, num camarote, colocado atrás de senhoras que não o conheciam. A cada instante fazia observações em voz baixa.

— E' absurdo! E' detestavel! dizia ele.

Finalmente, as espectadoras protestaram.

— Não é tão mau como lhe parece. O auctor é, aliás, um homem de espirito: é o sr. de La Fontaine.

— Minhas senhoras, a peça nada vale e o auctor não tem nenhum talento. Ninguem o conhece melhor do que



VIEIRA DO MINHO — Brancelhe — Ponte de Cubos.

eu, pois é ele mesmo quem lhes fala neste instante.

E deixando o camarote, dirigiu-se ao café Marion, onde um dos seus amigos, uma hora depois, o achava adormecido.

— Aqui? Não assistiu, então, á representação da sua opera?

— Escutei o primeiro acto, que me entediou de tal modo que não tive a coragem de ouvir os outros. E' inacreditavel a paciencia dos parisienses!

A musica era, com efeito, pouco aprazivel, e nunca o auditorio lamentou tanto não se poder servir do apito como um meio eloquente de manifestar as suas impressões.

Essa não era, porém, a época das cabalas, que foi, mais tarde, no século

de Luiz XV, quando houve em Paris um «grão mestre dos apupos».

Recebeu esse titulo o cavalheiro de La Morlière, auctor de *Angola*. Mediocre literato, escritor pateado, teve um dia a ideia de crear uma verdadeira empresa de cabalas, a fim de fornecer aos auctores descontentes, que quizessem fazer cair uma peça, um numero mais ou menos avultado de *apupadores*.

La Morlière foi um verdadeiro chefe de *condottieri*. Recrutava os seus auxiliares nos cafés literarios, entre os auctores famelicos, e conduzia-os ao assalto do drama ou da opera que se tratava de demolir.

Em pouco tempo, tornou-se um elemento poderoso, com o qual os poetas e os artistas de mais renome tinham forçosamente de contar.

Era o terror da Comédie-Française e da Opera. Ninguém ousava resistir ás suas determinações; ninguém, salvo uma mulher: M.lle Clairon. E foi ella quem o venceu.

A celebre Clairon, a quem La Morlière negava talento e habilidade, por varias vezes havia sido apupada pelos sequazes do grão-mestre do apupo. E a famosa tragica tinha sido informada de que, para a primeira representação de *Tancredè*, de Voltaire, que se devia efectuar a 3 de Setembro de 1760, La Morlière lhe preparava uma pateada colossal.

Adoptou as suas precauções.

Naquella noite, depois de haver declarado que faria cair a tragedia de Voltaire, o chefe dos apupadores foi sentar-se na cadeira que de costume occupava no teatro.

Notou, então, que se achava entre dois robustos individuos, de aspecto energico, que não eram os seus visinhos habituais. Começou *Tancredè*. Poucas scenas tinham sido representadas, quan-

do La Morlière principiou a fazer gestos de impaciencia e a lançar exclamações que traduziam o seu descontentamento. Mas, desde os primeiros sintomas de hostilidade, os dois visinhos aproximaram-se de tal maneira do chefe dos apupadores que este quasi perdeu a respiração.

O publico seguia a peça atentamente, e reinava completo silencio, quando, ao ouvir um verso que lhe pareceu um pouco enfatico, La Morlière proferiu uma interjeição sarcastica. No mesmo instante, sentiu-se apertado entre os dois possantes espectadores.

No segundo acto, emquanto M.lle



NO MINHO — Um aspecto da Cabreira.

Clairon, que interpretava o papel de Amenaïde, terminava um monologo, e *chavalier* retirou do bolso um apito. Mas um dos homens segurou-lhe no braço com tal violencia que o instrumento caiu. E ordenou:

— Silencio!

La Morlière ia protestar, quando o outro individuo, comprimindo-lhe com egual energia o outro braço, repetiu:

— Silencio!

E o *chavalier* sentiu que os seus pulsos estavam presos nas mãos de ferro dos seus visinhos.

— Se fizer um gesto, se gritar, nós o expulsaremos da sala, preveniu um.

Eram dois agentes da policia; o *chevalier* submetiu-se.

Findo o acto perguntou com insolencia:

— Sabem, por acaso, quem eu sou?

— Perfeitamente. E nós recebemos a missão de evitar as suas inconvenientes manifestações.

— Hoje?

— Hoje, amanhã, todos os dias.

La Morlière não insistiu. Na noite

violento partido contra ele. E com um dos seus amigos, homem vigoroso e dotado de grande coragem, combinou um plano curioso. Acompanhado de trinta atletas, esse homem entrou na sala de espectáculos antes do publico. Sentaram-se no centro da plateia. Um momento antes de ser erguido o pano, um deles, levantando-se, disse em voz alta:

— Meus senhores, sei que algumas pessoas aqui vieram expressamente no intuito de perturbar a representação. Como eu a quero ouvir, peço a esses individuos que se retirem.

A essas palavras seguiu-se uma scena tumultuosa; mas os atletas distribuíram os seus sócos com tal maestria que os cabalistas se retiraram vencidos. E quando Garrick appareceu, pôde, sem ser interrompido, desempenhar tranquilamente o seu papel.

Durante os seculos XVIII e XIX, o apito foi utilizado nos teatros. Os melhores artistas, Lekain, Talma, Frédérick Lemaitre, foram apupados.

Ha 30 anos, contra umas cantôras da Opera-Comica os parisienses assim se manifestaram.

Mas esse abuso cessou.



SINGAPURA — Igreja da Missão Portuguesa.

seguinte não appareceu no teatro. Uma semana depois, julgando-se esquecido, voltou ao espectáculo. Os dois esbirros esperavam-no. Ele confessou-se vencido. E desde então os comediantes cessaram de tremer deante desse caprichoso arbitro, e M.lle Clairon triunfou.

O grande actor inglez Garrick empregou, nas mesmas circunstancias, um meio analogo para impôr silencio á cabala. Como devesse representar um novo drama, soube que haveria na sala um

Em muitos pontos da China continua acirrada a perseguição religiosa, mais que a perseguição aos estrangeiros, que parece ir esmorecendo, ao menos de um modo geral.

O ultimo levantamento bolchevista não acometeu os estrangeiros, mas destruiu cristandades inteiras onde pôde lançar pé. Assim na região leste do Kwong-Tung e em Swa-tau destruiu cristandades florescentes, algumas delas datando do século XVII. Registemos alguns factos:

Em Lung-Wo o R. P. Filipe Lau (chinês) e os seus cristãos tiveram de

se refugiar numa aldeia da montanha. Em Tchoung-Fa o R. P. André Wong (chinês) foi obrigado a entregar aos comunistas as 200.00 (duzentas patacas) que possuía em casa. Em Swa-Bue (Shan-Mei), também no Kwong-Tung, dois missionários europeus, um chinês, e seis religiosas (duas europeas e quatro chinesas) foram presas por ordem do governo soviético estabelecido na região, e grande parte da população, de um modo particular os cristãos foram assassinados sem nenhuma forma judicial, estimando os governantes que era preferível matar cem inocentes a deixar escapar um só adverso ao regime comunista. O P.

Wong, preso, via todos os dias passar deante de si os grupos destinados a serem fusilados, ou do outro modo cruelmente executados

cada dia. A sua vez devia ser no dia 27 de Dezembro com o suplicio das cem feridas, género de suplicio que consiste em ir cortando a vitima em cem pedaços com morte lenta. Foi livre por um navio de guerra inglês, a bordo do qual ia o Snr. Bispo de Hong-Kong, algumas horas antes de ser levada a efeito a iníqua sentença.

Uma familia cristã de certa cristandade conta apenas 9 sobreviventes dos 96 membros de que se compunha a familia. Nalgumas aldeias, além da demolição sistemática de tudo o que era de moradores não comunistas e depois da expropriação de predios e dinheiro foi a população dizimada, sendo mortas as mulheres e creanças com os requintes da maior crueldade, as igrejas e residencias missionarias devastadas, muitos cristãos chacinados. Foi nesta obra de devastação em que notavelmente se aumentaram as paginas dos martires da Igreja, que se terminou o ano de 1927 e se findaram os primeiros dois mezes de 1928.

No meio desta tormenta a Igreja Católica continua dando provas da sua influencia continua-se a fazer sentir mesmo no meio da perseguição.

Chilreio Misterioso

Conta-nos Fr. Leão de S. Tomás que certo monge loio, pertencente ao convento de Vilar de Frades, sito para as bandas de Barcelos, tomando o dejejudo, sentiu subitamente, através das amplas janelas do refeitório, um inaudito chilreio, que logo o extasiou.



SANTANDER — Vista geral do formoso passeio de Parede e Avenida de Afonso XIII.

Extaticamente impressionado, pois, o feliz do monge, deixou a parva, a sua pequena refeição, e desceu à cêrca procurando o sítio donde partia o extraordinário canto de tão extraordinaria ave, que jamais lhe fôra dado conhecer.

Andou, andou, progressivamente enlevado, transpôs os limites do recreio monacal, e penetrou num inspirado bosque, através do qual caminhava mais pela força atractiva do som celestial do que pelas suas próprias energias. Alfim, foi detido junto duma frondosa arvore, e aí, num arrebatamento pleno, em estado anagógico, permaneceu uns momentos.

A sobrenatural melodia chegou ao fim, e o monge foi lançado, um tanto bruscamente, na dura realidade ambiente, a que se readaptou com dificuldade. Mas veio-lhe logo à mente o seu pequeno almôço, naturalmente pelas indeferíveis necessidades fisiológicas, e de seguida se dirigiu para o refeitório.

Ao chegar, porém, à cêrca do convento, deparou-se-lhe com surpresa a

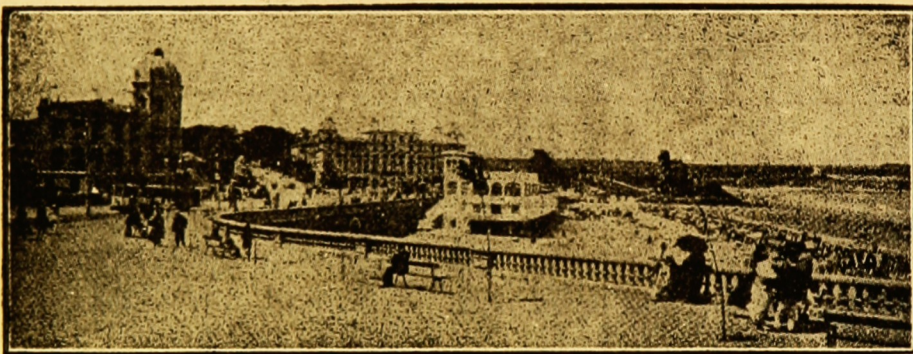
porta fechada, quando pouco havia a deixara aberta. Bateu, pois, insistentemente, e, enquanto esperava, já contrariado pelos apertos famélicos, notou, ainda mais surpreendido, que a portada não era a mesma, fora substituída por outra mais forte e de traça completamente diferente.

Entretanto, o porteiro escancarou um pouco mal humorado a pesada porta, e ao mesmo tempo o monge e o servente se entreolharam com uma funda curiosidade perscrutadora. Eram reciprocamente desconhecidos, excogitando por isso cada um deles as razões do inesperado facto. O monge tratou logo de indagar o destino do porteiro que pouco havia ainda ocupava o seu posto. Mas o novo ostiário, cada vez mais apocalíptico, com o que ouvia, não sa-

a cuja mente logo assaltou a ideia de que talvez se tratasse de algum religioso que, imbecilizado por longas vigílias ou inoportáveis penitencias, abandonasse a sua comunidade e vagabundeasse de terra em terra, até chegar providencialmente ali. Foi, portanto, devorado de interesse que o ouviu, tanto mais que o monge, pelo hábito que envergava, era filho de S. João Damasceno, a cuja ordem pertencia o dito convento de Vilar de Frades.

Repetiu o atarantado frade o que lhe havia sucedido e pediu licença de ir acabar o pequeno almoço, pois se sentia quebrado de forças. Sorriu-se o guardião confirmando o seu parecer, e chamando a comunidade a um solene capítulo, tornou-se manifesta a incognoscibilidade de tão interessante monge.

Alguns dias depois, porém, o guardião, folheando casualmente os anais do mosteiro, maravilhava-se com o conhecimento de que o felicíssimo monge era o sobrevivente duma comunidade que fora havia uns bons duzentos anos!!!



SANTANDER — Vista da praia de Sardinero e o grande Casino.

ANTONIO MENEZES.

bia responder, se êle tinha vindo para aquele cargo já em alguns anos!!! E deste modo, profundamente repassados de sentimento misterioso, foram ambos à presença do guardião.

Reatravessando a cerca, repenetrando na crasta e remergulhando nos penumbrosos e estirados corredores, o enleiado monge, cujos pensamentos se dirigiam instintivamente para o refeitório, onde deixára o pequeno almoço, notava que por tudo aquilo havia passado uma extraordinária transformação, e a sua mente enfraquecida quedava-se atónita no que via, sem conseguir formar o mínimo juízo. Passara dum sonho a outro sonho; e assim se sentia inconsistente, aspirando do íntimo a reafirmar-se numa realidade conhecida.

Mas ei-lo na presença do guardião,

O rapazinho generoso

Um bom Prior de F... na Italia costumava visitar, alguns dias antes da festa do Natal, as escolas da sua freguezia. Indagava, quais tinham sido os pobresinhos mais dóceis, e estudiosos, e designava os que haviam de figurar na representação, que ainda se faz todos os anos pelo Natal, de diversas scenas relativas ao nascimento, e infancia do Salvador, tais como a Adoração dos pastores, e a Visita dos Reis Magos.

Era um grande motivo de emulação para os rapazes. Os escolhidos ufanavam-se e alegravam-se por tal distinção, desejada vivamente tambem pelas familias, não só pela honra que disto resultava, mas tambem pela tenue vantagem anexa, porque no dia da festa cada rapaz recebia dois escudos, (1840 reis) e um fato novo.

No ano de 1840, recaiu a escolha em

um rapazinho de oito anos, por nome Beppino. Uma expressão de alegria triunfante iluminou a encantadora fisionomia do pequeno, quando o Prior lhe anunciou, que ele era um dos cinco, e o primeiro de todos os escalhidos, porque o seu comportamento tinha sido perfeito todo o ano.

— Que gosto para minha mãe! disse ele, córando, e os seus grandes olhos negros, cheios de lagrimas, viraram-se para a porta, onde estavam apinhadas muitas mulheres, anciosas por saber, se os filhos seriam do numero dos premiados.

Rosina, mãe de Beppino, lá estava, e nos olhos mostrava ao filho a satisfação que sentia. Quando o Prior saiu, chegou-se ao pé dele, e disse-lhe: «Senhor padre, muito lhe agradeço! Desde a morte de meu marido é a primeira vez que sinto alguma alegria no coração! O pequeno tinha trabalhado tanto; tinha tanta vontade de ganhar aqueles dois escudos para arranjar a nossa pobre casinha! E eu hei de gostar bem de o ver vestido de novo!».

O Prior sorriu-se com bondade; conhecia bem a morada da viuva; não havia na freguezia casa pobre, nem o mais triste retiro, que ele não tivesse visitado. «Hei de ir ver a sua casinha, quando estiver arranjada: quero pôr uma imagem de Nossa Senhora á cabeceira de Beppino: Deus abençoe este rapaz! acrescentou o Prior, pondo a mão veneravel sobre os anelados cabelos do rapazinho».

Mãe e filho foram para casa alegrissimos.

Defronte deles morava uma mulher, boa pessoa, por nome Maria, que pelo seu trabalho sustentava sua velha mãe enferma, e seu filho Eugenio, condiscipulo de Beppino.

O estado de doença cada vez mais grave, em que a pobre velha se achava, ha tempo, tinha impedido Maria de trabalhar, como costumava. O aluguel das casas estava em atrazo: era preciso procurar outro alojamento; como se havia de transportar a doente? A desgraçada mulher estava sentada no degrau da porta a chorar de vagarinho, quando Rosina entrava em casa, toda alegre, com o filho pela mão. Vendo a tristeza da visinha, perguntou-lhe a causa, e por muito tempo estiveram a pensar em algum expediente, mas não atinavam com ele. Era preciso dar dinheiro em oito dias, ou mudar de casa: Maria não tinha um escudo só, e Rosina não ganhava senão exactamente o pão de cada dia para si e para o filho.

Rosina foi para casa muito triste; a compaixão dos pobres é tão verdadeira, tão profunda! De vez em quando repetia: «Ali estão pessoas bem afflictas! uma doente,

obrigada a mudar a casa nesta estação! e não poder eu valer-lhe!».

De noite pensou nos vizinhos e não poudo dormir; depois acode-lhe de repente uma lembrança: «Eu nada tenho disse lá comsigo, mas Beppino vai receber dois escudos; se aquela pobre gente os tivesse, ficavam bem; o senhorio teria paciencia, Maria tornaria a trabalhar, e tudo se arranjará. Está decidido: vou ter com o nosso pároco e pedir-lhe, que nomeie Eugenio em lugar de meu filho; ele consentirá, porque Eugenio tambem teve bom comportamento todo o ano. Torno a remendar o fato velho de Beppino, e a casa outra vez arranjará: ainda é melhor, que o presepio, onde nasceu o Salvador».

Rosina, muito contente com a boa lembrança, adormeceu então socegradamente. Pela manhã cedo acordou Beppino.

— Filho, estás muito contente por ter sido o primeiro nomeado pelo nosso bom Prior?

— Sim, minha mãe, hei de gostar bem de te trazer dois belos escudos.

— Diz-me, filho; tu conheces aquela velha nossa visinha que está doente: se tu soubesses, que a vão pôr na rua, porque não pode pagar casa, terias muita pena?

— De certo, minha mãe; a pobre visinha é tão boa, e depois gosto tanto do meu condiscipulo Eugenio!

— Se tu podesses impedir esta desgraça, fa-o-hias?

— Com toda a certeza; mas não posso.

— Estás enganado; poderias, se nós pedissemos ao nosso Prior que designasse Eugenio para o teu lugar, e que dêsse os dois escudos á mãe.

O pequeno reflectiu um instante.

— Minha mãe, tens razão, diz ele; é preciso pedir isso, e eu hei de portar-me tão bem que para o ano espero ser outra vez nomeado, e ganhar os dois escudos, que hão de ser para ti.

Rosina abraçou o filho com ternura, e foi ter com o Prior expôr-lhe o negocio, e pedir-lhe que nomeasse em lugar de Beppino o filho da infeliz visinha.

— Mas, pobre mulher! diz-lhe o Prior que a tinha escutado, mui comovido; os dois escudos faziam-lhe muita conta...

— E' verdade, senhor padre Prior; mas emfim posso passar sem arranjar a casa, e ir á igreja sem fato novo, mas uma doente não pode mudar de casa na força do inverno, ou morar no meio da rua; isto é bem claro. Eu poderia receber os dois escudos, e dál-os á minha visinha, mas ela não aceitaria, receiando que me fizessem falta.

— Está bom! eu farei o que me pedís, e Deus vos abençoará, e a vosso filho.

ANECDOTAS HISTORICAS

Maximas de S. Francisco de Sales

Não ha regra tão geral que não tenha sua excepção a não ser esta que é fundamente de todas as outras: *Nada contra Deus.*

Nunca se fale de Deus, nem das cousas concernentes ao culto da divindade a modo de pratica e entretenimento, mas sim como deixando sempre ver sentimentos da maior veneração e respeito.

Quem mais atende á vontade de Deus menos se importa com a vontade propria, não atendendo aos movimentos da propria inclinação.

Para quem Deus é tudo, o mundo é nada.

Rouba a Deus o tempo quem o tempo desperdiça.

Nunca falta o pão de cada dia, onde se cumpra a vontade de Deus.

A maior parte dos defeitos que cometem os religiosos e religiosas procede de não andarem, como é seu dever, bem na presença de Deus.

Quem mais mortifica naturais inclinações, mais atrae as inspirações sobrenaturais.

O fidalgo e o lavrador

Tendo certo fidalgo umas diferenças com um lavrador, lhe quiz tirar da mão um pau que trazia para lhe dar com ele; porém o lavrador retirando-o lhe disse: busque vossemecê outro que este tem dono, e não lhe faltará que fazer.

Repreensão bem cabida

Levando, um dia, Pedro de Melo um copo d'agua a el-rei D. João II, lhe caiu o copo da salva. Começaram todos os fidalgos a rir-se, e ele ficou turbadissimo. Reparou nisto o rei, e disse: de que vos rides? A Pedro de Melo nunca lhe caiu das mãos a lança, que tem pois que lhe caisse agora o copo?...

Mania poetica

Perseguia um visinho a outro, que era poeta, para que lhe ensinasse a fazer versos; afligia-se o poeta porque o discipulo tinha negação para os fazer, pediu-lhe ultimamente que lhe dêsse uma medida certa dos versos. O poeta, para se ver livre dele, lhe mandou uma linha, dizendo que por ali os podia medir; ficou o aprendiz de poeta muito contente, e esteve todo o dia fazendo versos.

Mais que tolo

Recomendára certo pai a um filho nescio que se conservasse muito calado, durante um banquete a que tinha de ir assistir, afim de não ser conhecido. O filho assim o fez; tão calado esteve que os outros convidados disseram entre si que devia ser tolo, pois não falava; ouvindo-os assim discorrer, disse o filho: O' pai já posso falar, que já me conheceram.

O porteiro confundido

Quando S. Norberto, apostolo da França e da Alemanha, foi tomar posse do arcebispado de Magdebourg, que lhe fôra dado contra sua vontade, ia vestido tão pobrememente que o porteiro lhe recusou a entrada e o repeliu grosseiramente dizendo-lhe:

— Vai-te lá para os pobres; para que has de estar aí encomodando esses senhores?

Vendo isto, todos gritaram ao porteiro dizendo-lhe que era o arcebispo; e o porteiro, todo confuso, quiz esconder-se; porém Norberto o deteve e lhe disse, sorrindo-se:

— Tu me conheces melhor que aqueles que me obrigam a ocupar um palacio.